

Parque Nacional  
Cabo Orange  
A última fronteira

Engana-se quem percorrer a costa brasileira de um ponto ao outro — consagrados na frase do Oiapoque ao Chui — e, no final da jornada, acreditar que nada ficou de fora. Na verdade, acima do Oiapoque, o rio e a cidade, é ali que está o extremo Norte do país, no Amapá, avançando pelo Atlântico: o Cabo Orange.

Uma região que por quase dois séculos a Coroa Portuguesa disputou com os franceses, para afinal vencer a batalha em 1900. Recentemente a pendência foi julgada na Europa, por um conselho suíço, que estabeleceu o rio Oiapoque como fronteira com a Guiana Francesa. Foram necessárias outras pequenas batalhas, estas pacíficas, para que a natureza quase intocada da área e sua rica biodiversidade justificassem a criação, em 1980, do Parque Nacional do Cabo Orange.

O espetáculo diário  
da pororoca

Os 619 mil hectares do Parque só são acessíveis de barco. Podem ser alcançados pela foz do rio Oiapoque, a partir da cidade de mesmo nome, ou ao norte e a leste pelo Oceano Atlântico. Ao sul, o Parque encosta na reserva indígena do Uaçá, que abriga índios aculturados de três nações — Palikur, Galibi e Karipuna. Um outro rio de águas abundantes, o Cassiporé, quase corta o Parque Nacional ao meio antes de desembocar no oceano.

Quando isto ocorre as águas do Atlântico reagem. Todos os dias, no fim da tarde, o mar avança no fluxo contrário das águas dos rios Oiapoque e Cassiporé, provocando um grande estrondo — a pororoca, que ainda assusta a gente ribeirinha. Não muita gente: as cerca de 500 pessoas que vivem no interior do Parque estão espalhadas pelas margens dos rios e igarapés. Algumas isoladas em cabanas, outras em fazendas de búfalos, a maioria concentrada na diminuta Taperebá, a única vila da área. Reunindo por volta de 100 casas de madeira construídas sobre palafitas, a vila resiste ao tempo e às adversidades — não tem esgoto, água ou assistência médica.

O colorido das aves  
enfeita a paisagem

Dentro do Parque também há fazendas, a maioria com criação de búfalos, espalhando-se junto a lagos onde pousam garças e guarás. Em pequenos sítios produz-se melancia, mandioca e banana. Outra fonte de sustento é a pesca de cardumes em alto mar, enfrentando a maresia — ondas que balançam tanto as embarcações que provocam enjôo até mesmo nos mais experientes. Alguns pescadores preferem aportar no máximo a 100 metros da costa, onde fincam suas redes nas areias movediças das praias, pequenas e lodacentas. Ali a paisagem pouco se modifica: é sempre uma larga extensão litorânea de manguezal, com suas raízes geométricas, campo

de pouso para os pássaros que migram do Hemisfério Norte. O marrom da água suja pelo barro e o verde da vegetação uniforme só encontram variação no vermelho das penas dos guarás e flamingos que descansam nas praias. Por trás da cortina formada pelas siriúbas, de raízes longas que se aprofundam no terreno alagadiço, está oculta uma floresta quase intocada, com mais de uma dezena de espécies de animais ameaçadas de extinção, pontilhada por campos de várzea, cerrados e lagos escondidos pela vegetação.

#### Oásis da selva

É nos lagos como o Maruani que os moradores da região conseguem água doce para beber no período de seca — a do Cassiporé, barrenta e salobra, é intragável. Não é fácil chegar até o lago. São rasas e frágeis as canoas usadas para subir o rio e enfrentar o estreito igarapé que corta um trecho de quase cinco quilômetros de mata. Mas o Maruani compensa o sacrifício. Extremamente fértil em peixes — nele vivem espécies como o pirarucu e o aruanã —, o lago garante a subsistência de muitos pescadores. Os índios da reserva do Uaçá tentam evitar a presença de pesca predatória no lago — que faz vítimas como os dóceis peixes-boi e botos —, mas não conseguem. Outro problema que o Ibama enfrenta para a preservação do parque são os pequenos roçados, que depois da colheita são abandonados, deixando feridas na selva. E há ainda a caça de antas, jacarés, pacas, cutias e aves ou coleta de ovos de tartaruga, largamente consumidos e apreciados na região.

Até que ponto o Parque Nacional poderá resistir a tais agressões? Espera-se que a própria terra responda, defendendo-se com a natureza inóspita dos manguezais e seu emaranhado de raízes, garantindo a virgindade de algumas áreas em que o homem ainda não conseguiu pisar — e nem precisa.